

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Jornal de Brasília Class.: 381
 Data: 04/11/80 Pg.: _____



Márcio Di Pietro

Andreazza considera que não há razão para um tutelado comparecer ao Tribunal Russel

Juruna não irá à Holanda, diz Andreazza

O cacique Mário Juruna não receberá autorização para ir a Rotterdam participar do Tribunal Russel como jurado. A determinação foi tomada pelo ministro Mário Andreazza, do Interior, que ontem, em entrevista coletiva, afirmou que "Juruna não irá porque se a Funai e o Governo brasileiro não se fazem representar não há razão para um tutelado se fazer representar. De maneira que não daremos licença para ele". Mário recebera a promessa do presidente da Funai de que teria passaporte para embarcar mas o ministro desconhece essa promessa. Outro argumento usado pelo ministro do Interior para impedir a viagem do cacique xavante é de que "o governo brasileiro não reconhece a existência e competência do tribunal para julgar a política daqui". Andreazza lembrou ainda que "temos um judiciário para julgar essa política". Mário Jurna foi convidado pelo IV

Tribunal Russel para participar como membro do júri. Além do cacique, o outro brasileiro convidado para jurado é o antropólogo Darcy Ribeiro. O tribunal Russel julgará dois casos brasileiros: o caso nambiquara, a ser defendido pela antropóloga Ana Lange, demitida da Funai, e pelo missionário Dom Tomas Balduino, vice-presidente do Conselho Indigenista Missionário, e o caso das missões salesianas do alto Rio Negro, apresentado pelo escritor amazonense Márcio Souza. Os trabalhos do IV Tribunal Russel começam no dia 24 de novembro e os casos sobre as minorias indígenas brasileiras serão apreciados no dia 25. Além dos dois episódios a serem julgados, o júri será informado ainda sobre a situação dos kaingang de Mangueirinha (PR), waimiri - atroari, de Roraima, apurinã, de Boca do Acre, e yanomami, de Roraima.

MANOBRAS

Para o cacique Mário Juruna, a proibição contra sua viagem faz parte de uma política da Funai "para me calar". Denunciou ele ainda as manobras que vêm sendo feitas para afastá-lo da liderança da reserva de Nomukurá. Essas manobras - disse Mário - vêm sendo executadas pelo coronel Anael Gonçalves, que vai à aldeia recolhendo assinatura dos índios que não querem Mário Juruna na liderança. A mesma denúncia foi feita há três semanas pelo cacique Aniceto, xavante de São Marcos. Caso o governo brasileiro não permita a viagem de Mário Juruna, o cacique está pensando em criar um "passaporte xavante", a exemplo do que fez um líder indígena norte-americano que, em 1977, participou de um encontro da Americanistas em Genebra usando passaporte iroquês.